

CARACTERIZAÇÃO DE CRIANÇAS QUE FORAM EXPOSTAS AO VÍRUS HIV EM UM SERVIÇO DE REFERÊNCIA DO OESTE CATARINENSE

ALESSANDRA PAIZ^{1,2*}, LÉIA BORGES VIEIRA DA ASSUMPCÃO^{3,2}, TASSIANA
POTRICH^{4,2}, SAMUEL SPIELBERG ZUGE^{5,2}

¹Acadêmica da 6ª fase do curso de graduação em Enfermagem pela Universidade Federal da Fronteira Sul-
Campus Chapecó, ² Grupo de estudo e pesquisa interdisciplinar saúde e cuidado- GEPISC; ³Acadêmica da 10ª
fase do curso de graduação em Enfermagem pela Universidade Federal da Fronteira Sul- *Campus* Chapecó,

⁴Doutoranda em Enfermagem pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professora assistencial da
Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS, *Campus* Chapecó/SC, ⁵Enfermeiro, doutorando em enfermagem
pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Professor colaborador da Universidade do Estado de Santa
Catarina (UDESC).

*Autor para correspondência: Alessandra Paiz (alessandrapaiz@hotmail.com)

Introdução: A mais frequente forma de transmissão do HIV em menor de 13 anos de idade, no período de 1980 a junho de 2011 é a transmissão vertical (TV). No Brasil, do total de 4.000 casos notificados tem-se um total de 3.561 casos (89%) com categoria de exposição por TV, ou seja, quase a totalidade de casos de aids em crianças menores de 13 anos foi transmitida pela mãe (BRASIL, 2011). **Objetivo:** Caracterizar as crianças que foram expostas verticalmente ao HIV e as que têm HIV/aids atendidas em um serviço de referência do município de Chapecó-SC. **Metodologia:** Trata-se de uma abordagem quantitativa descritiva de caráter retrospectivo tendo seu desenvolvimento em um serviço de referência para tratamento de pessoas com HIV no município de Chapecó/SC. Os sujeitos foram crianças com até 12 anos de idade que foram expostas verticalmente ao vírus HIV ou que tem HIV/aids e estão ou já estiveram em acompanhamento neste serviço de referência. A coleta dos dados realizou-se em Janeiro de 2016 partindo de um formulário que tornou possível a produção de dados através do acesso aos prontuários das crianças expostas verticalmente ao HIV, respeitando os aspectos éticos da pesquisa com seres humanos conforme resolução 466/2012. Sendo o projeto aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com o número do CAAE 49499115.4.0000.5564, e parecer nº1.380.297 e aprovado pelo edital de iniciação científica nº 281/UFFS/2015. **Resultados:** Em relação ao sexo, idade e escolaridade do cuidador das crianças infectadas pelo HIV, identificou-se que 88,9 são do sexo feminino e que 53,6% têm idade entre 20 e 30 anos e 88,8% apresentam algum nível de escolaridade. Em

relação às crianças que adquiriram HIV, 77,8% são do sexo feminino e 22,2% são do sexo masculino, destas, 33,3% são menores de 4 anos de idade, 11,1% possuem até 8 anos incompletos e 55,5% possuem até 12 anos incompletos e 44,4% residem no município de Chapecó. Das crianças infectadas somente 22,2% sabem do seu diagnóstico e 33,3% realizam acompanhamento psicológico. Segundo Ministério da Saúde (BRASIL, 2016) estes momentos requerem uma atenção especial pois podem afetar também o seu sistema imunológico. Em relação ao aleitamento materno, 33,3% receberam o aleitamento que segundo o Guia para os profissionais da saúde de 2011 quando ele é realizado, os riscos de transmissão do vírus aumenta de 15% a 20% e caso não haja ações profiláticas este percentual aumenta para até 42% (BRASIL, 2011). O esquema medicamentoso teve seu início antes dos dois anos de idade em 66,6% das crianças. Segundo recomendações do Ministério da Saúde a quimioprofilaxia do recém-nascido deve iniciar imediatamente após o parto ou nas primeiras horas de vida. Com relação ao esquema medicamentoso realizado pelas crianças, 100% seguiram o esquema sem modificação e apenas 11,1% apresentaram queixa relacionada ao tratamento, caracterizada por diarreia. Já na análise das crianças que foram expostas ao HIV e que encontram-se em investigação, tornou-se possível, ao analisar os dados sobre os cuidadores, os quais mostram que 100% são do sexo feminino e mães das crianças, sendo que 53,6% possuem entre 20 e 30 anos de idade e que 96,4% possuem algum nível de escolaridade. Referente ao tipo de parto realizado, 17,9% realizaram parto vaginal e 50% tiveram seu diagnóstico antes da gravidez. Outro aspecto analisado foi a religiosidade onde 85,7% relataram possuir religião, sendo que em outro estudo a religião foi citada como uma das estratégias para o enfrentamento da infecção, prevenindo o sofrimento psicológico e para se acostumar com a soropositividade (SILVIA, et al. 2008). Em relação aos dados das crianças que foram expostas verticalmente e estão em investigação, 75 % residem em Chapecó, 46,3% são do sexo feminino e 53,6% do sexo masculino, destas, 71,4% não foram amamentadas. No que se refere ao uso de Nevirapina, 89,3% das crianças fizeram uso, este medicamento deve ser empregada a crianças cujas mães não realizaram uso de antirretrovirais (ARV) durante o pré-natal ou quando elas possuem carga viral maior que 1.000 cópias/ml (BRASIL,2016) e 96,4% fizeram uso de Zidovudina (AZT). Quanto à idade das crianças ao realizarem o primeiro atendimento no serviço foi de 57,2% em crianças com até 15 dias de vida, 14% com até 30 dias de vida e 28,6% em crianças com mais de 30 dias de vida, segundo BRASIL (2009), as crianças nascidas de mães soropositivas devem ser atendidas antes dos seus 30 dias de vida e o acompanhamento deve ser realizado mensalmente nos primeiro 6 meses de vida e bimestral a partir do segundo semestre de vida. Ao analisar os dados das

crianças que foram expostas ao vírus e soroconverteram, foi possível identificar que 100% dos cuidadores são do sexo feminino e mãe das crianças, destas, 37% apresentam idade entre 30 a 40 anos e que todas possuem algum nível de escolaridade, sendo que 97,4% são soropositivos e 59,2% tiveram seu diagnóstico antes da gravidez, prevalecendo o número de parto cesáreo em 82,2% dos casos. Em relação ao uso de ARV, 80,9% realizaram o uso durante a gravidez. No que diz respeito aos dados das crianças, 65,6% pertencem ao município de Chapecó, onde 95,5% tiveram seu encaminhamento para o serviço de referência ao nascer, 34,3% tiveram seu primeiro atendimento antes dos 15 dias de vida, 96,8% fizeram uso de AZT solução oral e 8,3% realizaram uso de Nevirapina. Em relação ao aleitamento materno, 2,5% das crianças receberam o aleitamento materno. **Conclusão:** O trabalho com crianças que foram expostas pelo vírus HIV, requer um olhar especial devido as demandas de cuidado específicas com a finalidade do controle da carga viral e também da imunidade, por isto é possível observar algumas dificuldades durante a prestação destes serviços e a realização do tratamento. Assim, o acompanhamento preconizado para crianças com HIV é essencial para garantir o controle da qualidade de vida, ressaltando a importância de a criança aderir o tratamento de forma correta, com o auxílio dos trabalhadores da saúde, garantindo o seu bem-estar e qualidade de vida. Ainda, identificar o perfil deste público possibilita a construção de estratégias de cuidado que irão ao encontro das necessidades.

Palavras-chaves: HIV, transmissão vertical, crianças.

Financiamento: PRO-ICT/UFFS

Referências

BRASIL. Ministério da Saúde. Programa Nacional DST/AIDS. **Boletim Epidemiológico AIDS/DST**. 2011.

BRASIL. **DST/aids e Hepatites Virais**. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pcdt/pediatrico/2>. Acesso em 01 de agosto de 2016.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Programa Nacional DST/AIDS**. **Boletim Epidemiológico AIDS/DST**. 2011.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Programa Nacional de DST e AIDS.

Recomendações para Terapia Antirretroviral em Crianças e Adolescentes Infectados pelo HIV: manual de bolso. Brasília, 2009.

SILVA, Richardson Augusto Rosendo da.; ROCHA, Vera Maria da.; DAVIM, Rejane Marie Barbosa.;

TORRES, Gilson de Vasconcelos. **Formas de enfrentamento da AIDS: Opinião de mães de crianças soropositivas** Rev. Latino-Am. Enfermagem v.16 n.2 Ribeirão Preto mar./abr. 2008.